Ideias&Livros



Entrevista
Paulo Werneck, tradutor de 'Zazie no metrô', conta como preservou as ambiguidades do romance
Página L2



Múltipla
Livro 'Espelho-diário' mostra a artista Rosângela Rennó como 133 Rosângelas anônimas
Páginas L4 e L5

Foto de Marc Ribaud com arte de Evaldo Lima



BRINCANDO NAS ALTURAS – Homem pinta a Torre Eiffel

A Paris impossível

Historiador inglês percorre 2 mil anos da capital francesa com olhar revelador e inúmeras citações de clássicos literários

Alvaro Costa e Silva

Depois de atravessar as quase 600 páginas de *Paris: biografia de uma cidade* – incluindo fotos, ilustrações, mapas, glossário, guia bibliográfico, rol de prédios característicos e um chorrilho de notas – e ainda sopesando o bruto, dá uma vontade louca de cantar o trecho final da marchinha de Alberto Ribeiro e Alcyr Pires Vermelho imortalizada por Carmen Miranda: "Paris! Paris! Je t'aime/ Mas eu gosto muito mais do Leme". Feito o chiste cafajeste e carioca, cai-se na realidade: a capital da França é uma cidade extraordinária, e o historiador inglês Colin Jones, autor do catatau, realizou um trabalho não menos extraordinário.

É impossível, como o próprio escritor admite na introdução, ao afirmar que a história de Paris é "impossivelmente rica e diversa demais para ser abarcada numa só narrativa". Mas abarcá-la é o que ele tenta fazer, tendo por inspiração um livro – também extraordinário – de Georges Perec.

Em 1975, Perec decidiu registrar o que acontecia numa só praça parisiense em menos de 24 horas distribuídas ao longo de três dias consecutivos de outubro. Em *Tentative d'épuisement d'un lieu parisien*, o escritor esclarece porque escolheu a Place Saint-Sulpice no 6º arrondissement (denominação das diferentes áreas jurisdicionais em que a capital se divide desde a Revolução Francesa) como local de sua experiência: havia lá todos os adornos de uma cidade moderna: prefeitura, escritórios, delegacia, três cafés (um deles, também tabacaria) cinema, igreja histórica e famosa, editora, funerária, agência de viagem, ponto de ônibus, alfaiate, hotel, fonte, quiosque de jornal, estacionamento, salão de beleza. Seu objetivo, no entanto, era deixar tudo isso fora do ângulo de visão e descrever o resto: "O que acontece quando nada acontece além da passagem do tempo, das pessoas, dos carros e das nuvens". O texto, que se estende por 60 páginas, não poderia ser diferente: "Três crianças conduzidas à escola. (...) Passa um ônibus. Pára de tocar o sino da igreja. Uma menina come metade de um bolo. Passa um ônibus 70. Passa um ônibus 63. São duas e cinco da tarde" - e por aí segue.

> "Nunca vemos Paris pela primeira vez. Sempre a vemos de novo"

Partindo da lição de Perec – cuja microcrônica salienta a impossibilidade de contar toda a história de forma exaustiva, mesmo quando o relato se restringe a um lugar e a um dia – Jones escreveu a sua biografia de Paris, na qual excluiu mais que incluiu, naturalmente – não havia como fazer de outro jeito. Percorreu dois mil anos com olhar revelador para guerras, revoluções, movimentos artísticos, reformas urbanas, mas também para curiosidades – dos restaurantes e catacumbas à Torre Eiffel – as quais servem para antigos amantes ou visitantes de primeira viagem. Pois, como diz outra das inúmeras citações literárias que abundam no livro, esta do escritor italiano Edmondo De Amicis, "Nunca vemos Paris pela primeira vez; sempre a vemos de novo".

Continua na página L3



Divulgação/AMG Imagens

PRAÇA DE L'OPÉRA EM 1889 – Depois da reforma do barão Haussmann, Paris foi eleita a capital europeia da modernidade

CAPA

"Uma cidade ruim para morrer"

Entre citações de Rabelais, Colin Jones conta história de Paris em ordem cronológica

A frase de Edmondo De Amicis sobre a impossibilidade de ver Paris pela primeira vez foi escrita no século 19, quando a cidade já estava mais que mitificada, eleita à capital europeia da modernidade, a reboque da ampla reforma urbana levada a cabo por Napoleão III e o barão Haussmann nas décadas de 1850 e 1860, cujo modelo outras cidades se esforçaram para alcançar, inclusive o Rio.

De Amicis certamente pensava no vasto conhecimento que desfrutava a literatura francesa, boa parte da qual tem como palco Paris. "A cidade dos mil romances", como lembra Colin Jones citando textualmente Balzac. Em outras palavras, um visitante não poderia ver a catedral de Notre-Dame ou os esgotos da cidade sem pensar em Victor Hugo. Tampouco o cemitério de Père-Lachaise sem lembrar-se de *A comédia humana*.

Aliás, as epígrafes de *Paris: biografia de uma cidade* são quatro, todas relacionadas ao Père-Lachaise. Na primeira, da qual se originam as outras, pega-se a cena de *O pai Goriot*, romance de Balzac, em que o personagem Eugène de Rastignac olha para Paris do alto do cemitério e exclama: "*A nous deux maintenant!*" ("É entre nós dois, agora!"). A última é tirada dos *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes: "Do alto do Père-Lachaise, Rastignac declarou à cidade: '*A nous deux maintenant!*'; eu digo a Paris: '*Adorable!*'".

Como já foi dito, os escritores guiam o livro de Jones. Para Rabelais, Paris era "uma cidade ruim para morrer", mas boa para viver. Montaigne declarou: "Amo-a com ternura, com todas as suas imperfeições". Voltaire a considerava "metade ouro, metade sujeira" e Goethe, "a cabeça do mundo".

> Os parisienses reconhecem a Torre Eifell, mas confundem o Panthéon

No meio de uma explicação sobre a controversa origem do nome Lutécia – como Paris era chamada durante o Império Romano – o autor cita a hipótese de ser uma referência ao termo grego *leucas*, que quer dizer branco, devido à alvura dos habitantes ou porque suas casas eram feitas de argamassa branca, ou ainda, como queria a irreverência de Rabelais (muito mais citado no livro que Proust), em homenagem às "coxas brancas das mulheres daquela cidade".

A exemplo de Georges Perec, outro escritor de vanguarda ganha bom espaço na biografia. Para justificar a teoria de que os parisienses muitas vezes se comportam como forasteiros em relação à própria cidade, é chamado à baila o livro *Zazie no metrô*, de 1959, no ano seguinte transformado em filme por Louis Malle, e que acaba de ganhar edição comemorativa em português pela CosacNaify (*leia entrevista com o editor e tradutor Paulo Werneck na página 2 deste caderno*). No romance, Raymond Queneau relata as aventuras de uma garotinha numa viagem de fim de semana a Paris. Como a Alice de Lewis Carrol, Zazie tem dificuldades de orientação, e em nada a ajudam os parisienses, que conseguem, com muito custo, reconhecer a Torre Eifell, mas sempre confundem o Panthéon com o Hotel des Invalides, ou a Sacré-Coeur, ou a Gare de Lyon.

Bem inglês, escreve Colin Jones: "Talvez essa tendência à quase amnésia derive do status de forasteiro do parisiense médio. Pode também estar vinculada, em geral, ao forte provincianismo de muitos moradores urbanos. Até relativamente pouco tempo atrás, muitos moradores das margens esquerda e direita orgulhavam-se de nunca terem cruzado o Sena". O leitor brasileiro não terá o mesmo problema. Jones conta a história de Paris em ordem cronológica, e a comenta geográfica e anacronicamente. A estratégia evita a opção purista de apenas falar daquela determinada Paris do passado, sem Montmartre, que pena. (**Alvaro Costa e Silva**)

Paris: biografia de uma cidade
Colin Jones.
Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra.
L&PM. 598 páginas. R$ 94.

Curiosidades parisienses

Onde fica o centro?
Não há resposta precisa para a pergunta sobre onde fica o centro de Paris. A localização original era a Île de la Cité, junto à margem esquerda. No século 19, as partes dinâmicas da cidade deslocaram-se para leste e, por isso, muitos situariam o centro nos bulevares próximos à Ópera.

Amor de rei
"Ó cidade ingrata! Amei-vos mais do que à minha própria esposa", disse Henrique III.

Café filosófico
Se o mérito de Paris é ser uma cidade "de cafés e conversação" – como acreditava Ralph Waldo Emerson – parte disso deve-se a Francesco Procopio dei Coltelli. De origem italiana, ele passou a ser chamado François Procope e é considerado o fundador do primeiro café de Paris. Todos os principais *philosophes* eram assíduos: Diderot e d'Alembert (foi lá que tiveram a ideia de fazer a *Enciclopédia*), Voltaire, Russeau.



Edouard Boubat

MONTMARTRE, 1948 – Crianças levadas da geração pós-guerra

Ilusões perdidas
Era em Montmartre que os jovens e ambiciosos heróis dos romances de Balzac – que começavam a vida na província ou em péssimos alojamentos no Quartier Latin - sonhavam morar, como prova de sucesso social. Lá chegando, as ilusões se perdiam.

Quem diria
"A Torre Eifell, que nem mesmo a gananciosa América, temos certeza, quereria, é a desonra de Paris. Todo mundo sabe disso, todo mundo fala nisso e todo mundo está profundamente aborrecido com isso" Assim começa o abaixo-assinado subscrito em 1887 por um elenco de 50 intelectuais, entre eles Alexandre Dumas e Guy de Maupassant.

Academia Brasileira de Letras
POESIA & RELIGIÃO
Terças-feiras, às 17h30min
Coordenação geral: Cícero Sandroni
Coordenação: Ivan Junqueira

02/06 - *Jorge de Lima: a clausura do divino*
Acadêmico Antonio Carlos Secchin

09/06 - *Dante Alighieri*
Marco Lucchesi

16/06 - *John Milton*
Leonardo Fróes

23/06 - *Francisco de Assis*
Acadêmico Luiz Paulo Horta

30/06 - *Poesia e misticismo: San Juan de la Cruz*
Izacyl Guimarães Ferreira

ENTRADA FRANCA
Teatro R. Magalhães Jr.
Avenida Presidente Wilson, 203 - Castelo
(21) 3974-2500 - www.academia.org.br